

Eduardo Moeller Mota

O coração, por milhares de anos, foi cercado de mistérios e superstição, visto como o centro das emoções e fonte de vida. Os egípcios antigos, antes de embalsamar seus mortos, retiravam-lhes todos os outros órgãos do corpo, deixando, apenas, o coração. Para eles o coração era a sede da alma, centro de inteligência e de todas as emoções humanas.

O coração é um órgão fascinante, rico em simbologia; se antigamente era considerado inacessível por motivos técnicos e culturais, hoje, com avanços tecnológicos, é motivo de pesquisas e curiosidade.

Tradicionalmente considerada uma especialidade nobre, a cirurgia cardiovascular já não é a “menina dos olhos” dos estudantes de medicina. Apesar de promovermos a melhora na qualidade de vida da população e, assim, salvarmos muitas vidas, vários fatores afastam e deixam em dúvida possíveis candidatos a cirurgias cardíacas.

Esta dúvida inicia-se pelo longo período de formação de um cirurgião - no mínimo 12 anos (graduação em medicina por seis anos, passando pela residência médica em cirurgia geral por dois anos e, por fim, a residência em cirurgia cardiovascular por mais quatro anos). Segue-se pelo pouco estímulo ou, até mesmo, desencorajamento por outros colegas; informações equivocadas sobre o fim da especialidade com os avanços em técnicas percutâneas realizadas por outros especialistas, como cardiologistas intervencionistas e seus *stents*. Por fim, uma baixa remuneração no início da carreira e a necessidade de integração em equipes já formadas em hospitais

com alta complexidade geram, com certeza, dúvidas na hora de escolher se esta é a especialidade a ser seguida.

“Se você não possuir algum familiar chefe de equipe, não terá espaço para crescer e vai desistir da cirurgia, indo trabalhar em terapia intensiva”. Este foi o comentário que mais ouvi ao expor meu objetivo de seguir como cirurgião cardíaco. Apesar das críticas, segui todos os passos necessários e hoje estou no 4º ano da formação em cirurgia cardiovascular. Posso afirmar que, mesmo tendo vivenciado as dificuldades da especialidade desde cedo, com meu pai cirurgião e minha mãe enfermeira em cardiologia, acredito ter feito a escolha certa.

Percebo, nestes últimos três anos de vivência dentro do Instituto do Coração – FMUSP, que podemos adquirir uma sólida formação teórico-prática e está nos fortalece no mercado de trabalho. Todos os colegas recém-formados encontraram espaço dentro da especialidade e se dedicam às cirurgias cardíacas em tempo integral nas mais diferentes regiões do Brasil.

Com o envelhecimento da população e o aumento na expectativa de vida, as doenças cardiovasculares tornar-se-ão mais prevalentes. As formas de tratamento evoluem a cada dia e a cirurgia cardíaca também passa por transformação. As cirurgias videoassistidas por mini acesso e robótica são alguns exemplos. Nesse contexto, sempre haverá espaço para o cirurgião bem capacitado e familiarizado com esta tecnologia desde jovem.